

Indígenas

SUGESTÕES PARA A CRIAÇÃO DE UM PARQUE INDÍGENA NO TERRITÓRIO DOS
ÍNDIOS YANOAMA NO NORTE DO BRASIL

CONSELHO F.N.I.

Protocolo nº 4/69

Em 8/11/69

I - Localização

*ao Departamento
de Patrimônio
DEP*
3/11/69

O território dos índios Yanoama ocupa vasta área na região da fronteira Brasil-Venezuela, entre os paralelos 0°30' e 5° N. e os meridianos 62° e 65°30' W. (1) No Brasil, os Yanoama vivem exclusivamente na região da floresta tropical do noroeste do Território de Roraima e do vale do rio Demini no Estado do Amazonas. Na Venezuela, seu território se estende, ao norte, cerca de 50 quilômetros além da fronteira; a oeste, da fronteira até a confluência dos rios Mavaca e Orinoco. Nessa área de 150 000 km² (2) a sua população está estimada em cerca de 10 000 habitantes (3). Em território brasileiro contam-se aproximadamente 3 000 - 4 000 Yanoama.

A família linguística Yanoama está subdividida em várias línguas, cujos falantes ocupam as seguintes áreas (4):

(a) Ninam, habitam o médio rio Mucajaí, o rio Uraricaá, no Brasil, e o rio Paragua na Venezuela.

(b) Sanuma, vivem no vale do Auaris e do Aracaçá, afluentes do Uraricoera, em território brasileiro; na Venezuela, no alto Ventuari, alto Erebató e alto Caura, ao norte e, em menor número, o Metacuni, afluente do Orinoco, a oeste da fronteira.

(c) Yanomam, ocupam, no Brasil, o alto Uraricoera e seu formador Parima e afluentes, a área da serra dos Surucucus, estendendo-se até a fronteira. Talvez incluídos neste subgrupo estejam os habitantes do alto Demini e seus formadores no Estado do Amazonas. Na Venezuela, os limites deste subgrupo não estão determinados.

(d) Yainoma, habitam exclusivamente terras brasileiras, ao longo do rio Catrimani e seus afluentes orientais.

(1) Wilbert, J.- INDIOS DE LA REGION ORINOCO-VENTUARI. Caracas, 1966, p.178.

(2) Ibid, p. 178.

(3) Chagnon, N.- YANOMAMO, THE PIERCE PEOPLE. Holt, Rinehart & Winston, 1968, p. 1.

(4) Dados fornecidos pelo linguista Ernesto Migliazza, em seu artigo "Grupos linguísticos do Território Federal de Roraima" Atas do Simpósio sobre a Biota Amazonica, Vol. 2, 1967, pp. 158-163.

II - Contato

A população da região ocupada pelos Yanoama em terras brasileiras é quase exclusivamente composta de índios Yanoama. No extremo noroeste de Roraima, na aldeia de Auaris, a poucos quilômetros da fronteira, juntamente com 100 Yanoama, vivem cerca de 60 índios Maiongong do grupo linguístico Caribe. Estes são os únicos Maiongong no Brasil, estando todas as suas demais aldeias em território Venezuelano. Os índios Maiongong, ao contrário de seus vizinhos Yanoama, tem mantido contato longo, embora superficial, com populações regionais, não indígenas, devido a suas costumeiras viagens ao longo dos rios venezuelanos e brasileiros.

Além de uns poucos garimpeiros que operam na região dos rios Uraricaá e Paragua, os únicos ocupantes não indígenas do território Yanoama são os membros de tres missões, uma católica e duas protestantes. São os seguintes os postos missionários em território nacional:

1. Mucajaí ($3^{\circ}50'N.$, $62^{\circ}5'W.$). Fundado por missionários da 'Un evangelized Fields' Mission (Cruzada de Evangelização Mundial), fica a cerca de 150 quilômetros da capital do Território de Roraima, Boa Vista, onde está sediada a missão.

2. Surucucu ($2^{\circ}50'N.$, $63^{\circ}40'W.$), também da Cruzada de Evangelização Mundial, a 340 quilômetros de Boa Vista, é o maior dos postos dessa missão.

3. Auaris ($4^{\circ}10'N.$, $64^{\circ}40'W.$), da mesma missão, é a mais distante, a 450 quilômetros de Boa Vista. Dista de 15 a 20 quilômetros da fronteira com a Venezuela ao norte, oeste e sul.

Além desses postos em operação regular, há dois campos de pouso de que a Cruzada faz uso esporádico:

Uraricaá ($3^{\circ}50'N.$, $62^{\circ}30'W.$), a cerca de 240 quilômetros de Boa Vista. O campo é também usado por garimpeiros.

Waicá ($3^{\circ}30'N.$, $63^{\circ}10'W.$), fica a 295 quilômetros de Boa Vista. Antigo posto, está hoje abandonado, somente a pista é mantida em estado de conservação.

4. Tototoobi ($1^{\circ}50'N.$, $63^{\circ}35'W.$), no Estado do Amazonas, dista 340 quilômetros de Boa Vista. É mantida pela New Tribes Mission (Missão Novas Tribos). Esta missão tem sua sede em Manaus.

O acesso a todos esses postos é feito por um avião Cessna da Missionary Aviation Fellowship (Asas do Socorro), sediada em Boa Vista, que coopera com a Cruzada e com a Missão Novas Tribos.

5. Catrimani ($1^{\circ}45'N.$, $62^{\circ}15'W.$), posto da missão católica com sede em Boa Vista, a cerca de 215 quilômetros da capital.

A população neobrasileira está praticamente restrita a área de campos localizada na parte leste do Território. Há apenas dois pontos de intrusão, em pequena escala, na floresta, um a sudeste da ilha de Maracá, o outro no médio Mucajaí. Aqui pratica-se reduzida extração de madeiras e criação de gado. As duas ou três fazendas do médio Mucajaí constituem o único caso em que núcleos populacionais neobrasileiros chegaram mesmo a alcançar os limites do território Yanoama.

Como já foi mencionado acima, há na área do rio Uraricaá, uma situação de contato intermitente entre garimpeiros brasileiros e índios Yanoama. Na região do Auaris, alguns indivíduos interessados na mineração de ouro, diamantes e outros elementos, já levaram a efeito trabalhos curtos de prospecção e sabemos que há outros sendo planejados para um futuro próximo.

III- Habitat

Os índios Yanoama praticam uma economia de subsistência baseada principalmente na caça e na horticultura da banana. O cultivo da mandioca é uma aquisição recente, provavelmente obtida dos Maiongong. Estes, embora cacem com frequência, dependem grandemente dos produtos de sua horticultura, mais desenvolvida do que a de seus vizinhos Yanoama.

Até recentemente, e ainda hoje em certas áreas, os Yanoama viviam dispersos em aldeias semi-permanentes de tamanho relativamente pequeno, ocupadas somente em certas épocas do ano. Localizavam-se no meio da floresta, próximo a pequenos cursos d'água, longe dos rios maiores, os quais eram ocupados por outros grupos, Aruak e Caribe, tais como os Maiongong do rio Auaris. Havia um constante movimento de semi-nomadismo em todas as aldeias. Esse processo parece se dever, não tanto as limitações de suas técnicas

de horticultura (slash-and-burn), quanto aos efeitos de sua grande dependência de produtos de caça. A fauna existente na floresta tropical é distribuída de tal modo que uma população de caçadores é forçada a deslocar-se constante e regularmente para áreas abandonadas e livres da pressão criada pela ação constante de caçadores.

Esse tipo de distribuição da população tem sofrido uma série de alterações devido a (a) o término de hostilidades entre os Yanoama e grupos Caribe e Aruak (hoje numericamente bastante reduzidos), e (b) as consequências do comércio e assistência médica fornecidos pelos missionários.

IV - A ação dos missionários

Praticamente, a única fonte de fornecimento de produtos industrializados de que os índios dispõem são os postos das missões. A troca de serviços prestados, como construção e manutenção das casas dos missionários, dos campos de pouso, capinagem, fornecimento de produtos de caça e horticultura, os índios adquirem artigos como pano, lanternas, pílhas, painéis, pratos, facas, facões, tesouras, machados, linha de costurar e pescar, roupas, espingardas e munição, por vezes, dinheiro. Os missionários também atuam como intermediários na venda das peles de onça, lontra e arirama que os índios caçam e cujo rendimento geralmente reverte na compra de espingardas fornecidas pelos missionários.

Como não há núcleos de população regional na maior parte da floresta, os missionários criaram uma situação em que o índio fica altamente dependente de uma única fonte de fornecimento, que é a missão. Novas necessidades foram criadas com a introdução desses bens de consumo, necessidades essas que somente os missionários podem satisfazer.

As expedições de caça e comércio frequentemente levam os índios a longas distâncias, não raro além da fronteira, já em território venezuelano. Seu extenso sistema de trocas envolve vários subgrupos Yanoama e, em menor número, Caribe. A circulação de bens é, pois, intensa na área, sendo que objetos de consumo, tanto nativos como alienígenas, são rapidamente dispersados por todo o território Yanoama, aquém e além da fronteira. Assim,

mesmo as aldeias mais distantes sofrem a influencia, se bem que indireta, da ação dos missionários, criando, por sua vez, novas necessidades. O fluxo de produtos manufaturados dá-se, não somente do Brasil para a Venezuela, mas também em sentido contrário, embora em menor escala, devido a presença de missões católicas e protestantes em território venezuelano, próximo a fronteira. Um dos itens de troca inter e intra-tribal dos mais procurados são as espingardas brasileiras, de preço consideravelmente mais baixo do que as de fabricação americana vendidas sob grande controle na Venezuela. Dessa maneira, uma grande proporção das armas vendidas aos índios pelos missionários leva pouco tempo a alcançar aldeias localizadas em solo venezuelano.

V - Consequencias da ação dos missionários

A sua posição de única fonte efetiva de produtos manufaturados e dinheiro, dá aos missionários o poder, até certo ponto, de controlar o comportamento dos índios, que eles manipulam para sua conveniencia. Continuamente ameaçam os índios de suspender a distribuição de produtos, com o intuito de levá-los a agir de acordo com a sua vontade. Sabemos de casos em que missionários chegaram mesmo a devolver a Boa Vista cargas inteiras de produtos destinados ao pagamento do trabalho indígena. Mais frequentemente, a coação não vai além das ameaças.

A dependencia de bens de consumo pode levar os índios a perda de sua habilidade de fabricar e utilizar objetos indígenas, tais como arcos e flechas, potes, cestaria, etc. Por exemplo, na aldeia de Auaris, onde residimos por 5 meses, não vimos um único pote de cerâmica, nem dos rudimentares de fabricação Yanoama, nem dos mais elaborados feitos pelos Maiongong.

O fornecimento de certos instrumentos, tais como espingardas, machetes, machados, pode levar a um sério desequilíbrio na ecologia indígena.

É sabido que o equilíbrio ecológico da floresta tropical mantém-se em estado relativamente precário, pois, embora o número de espécies seja elevado, o número de indivíduos em cada espécie faunística e florística é reduzido e espacialmente esparso. Soma-se a isso o fato de que uma população de caçadores requer uma área bastante extensa em que possa operar sem

esgotar os seus recursos animais.

Há várias indicações de que esse equilíbrio ecológico está sendo rapidamente destruído, em consequência das atividades de ordem econômica que os missionários desempenham. Nas vizinhanças dos postos, alguns produtos da floresta estão sendo visivelmente esgotados. Em Surucucu, área de maior densidade populacional, a caça é extremamente escassa, a produtividade do solo bastante baixa, até mesmo palmeiras que fornecem matéria-prima para construção de casas, são um produto raro⁽⁵⁾. Na região do Uraricaá⁽⁶⁾, do Catrimani⁽⁷⁾ e do Auaris, a caça está diminuindo sensivelmente, de modo a afetar tanto os recursos alimentícios, como o equilíbrio da dieta desses índios.

Os principais fatores que contribuem para esse desequilíbrio são:

(a) o aumento da população indígena, como resultado da assistência médica prestada pelos missionários, aliada a sua interferência ou mesmo proibição de práticas indígenas de controle da população;

(b) aumento do tamanho das aldeias;

(c) redução do nomadismo, ambos resultado da atração dos postos como fornecedores de bens de consumo e de remédios;

(d) intensificação da vida sedentária, consequência da interferência dos missionários no sentido de incrementar a agricultura, através da introdução de instrumentos de aço e de plantas que requerem cuidado permanente;

(e) o fornecimento continuado de armas de fogo a população indígena. Na aldeia de Auaris, no mês de setembro de 1968, dos 19 homens adultos Yanoama, 14 possuíam espingardas. Quanto aos Maiongong, já nenhum utiliza arco e flecha ou lança, somente armas de fogo. O uso intensivo dessas espingardas tem produzido em Auaris e em outras aldeias, o problema de caça abatida em excesso. A combinação de espingarda com lanterna de pilha, utilizadas na caça noturna da paca na estação seca, é um exemplo das consequências negativas de instrumentos ocidentais na ecologia indígena.

(5) Informação de vários missionários da Cruzada de Evangelização Mundial.

(6) Comunicação verbal de E. Migliazza.

(7) Comunicação verbal de Edson Diniz.

Numa só noite, um caçador Maiongong matou 8 pacas numa ocasião em que já havia bastante carne na aldeia. Para obter dinheiro ou objetos, o caçador vendeu parte da caça aos missionários, que só a compraram para não decepcionar o índio !

A atitude dos missionários face a esse problema parece ser de indiferença ou recusa em aceitar a responsabilidade do fornecimento de armas de fogo, pois preferem transferir tal responsabilidade aos próprios índios.

V - Sugestões para a criação do parque.

Como medida de proteção desses grupos indígenas e de sua ecologia, sugerimos a criação de um parque indígena nacional no território Yanoama, englobando, pelo menos em parte, sua população.

Existem vários fatores que indicam a viabilidade de tal medida:

- (1) a ausência de populações neobrasileiras dentro do território Yanoama;
 - (2) a presença de uma população indígena numerosa portadora de cultura virtualmente intacta;
 - (3) a existência de uma situação ecológica que, embora ameaçada, ainda é capaz de manter essa população de caçadores e horticultores, desde que sejam controlados a tempo os fatores de desequilíbrio ecológico.
- Quanto as dimensões do parque, apresentamos duas alternativas, uma representando uma área maior, outra menor, ambas suficientemente grandes para permitir a preservação das características culturais ainda existentes nessa população, dentre as quais:
- (a) população numerosa;
 - (b) grande número de aldeias;
 - (c) extensa rede de trocas, ligando todas as aldeias da área;
 - (d) grande número de línguas e dialetos.

Primeira alternativa:

Área limitada a leste por uma linha que parte da serra Tocobiren, na fronteira, a 3°40'N., 62°40'W., em direção sul até um ponto na serra

da Mocidade, a $1^{\circ}30'N.$, $61^{\circ}45'W.$ e daí até encontrar o paralelo 1° de latitude norte. Ao sul, seguindo o paralelo 1° , até o seu encontro com o meridiano 64° de longitude oeste. A oeste, ao longo do meridiano 64° até a fronteira, que demarca o restante dos limites oeste e norte.

Segunda alternativa:

Área limitada a leste pelo meridiano 63° de longitude oeste, desde a fronteira ao norte até o paralelo 1° ao sul. Ao sul, seguindo o paralelo 1° , até seu encontro com o meridiano 64° . A oeste, seguindo o meridiano 64° , que demarca o restante dos limites oeste e norte.

A mais inclusiva das alternativas incluiria a maioria dos Yanoama no Brasil. Somente os membros do subgrupo linguístico Ninam estariam excluídos. A razão de tal exclusão é o fato de já haver contato entre esses índios e fazendeiros e garimpeiros do Mucajaí e Uraricaá, contato esse que tende a se intensificar.

A segunda alternativa, a área menor, exclui, além dos Ninam, também os Yainoma. A justificativa dessa exclusão está no fato de os Yainoma habitarem as planícies do Catrimani, que podem ser alcançadas pelo rio Negro e são de mais fácil acesso do que a região montanhosa da maior parte do território Yanoama. Há, portanto, maior probabilidade de ser ocupada futuramente por populações regionais do que o restante desse território indígena.

Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1968

Alcida Rita Ramos
Alcida Rita Ramos

Kenneth L. Taylor